



## A Ética e a Hipnose – Reflexão sobre a Prática *The Ethics and Hypnosis - Reflections on Practice*

Ana Cláudia da Silva Junqueira Burd

*Psicóloga Clínica, Psicóloga Jurídica do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, Brasil.  
Bacharel em Direito, Professora do curso de Psicologia da Faculdade Ciências da Vida.*

---

### **Resumo.**

Neste artigo, pretendemos discutir a ética na hipnoterapia, como condição básica para a prática do psicólogo. Utilizamos a revisão de literatura como método, a partir da história da ética geral, passando pela ética na psicoterapia e a hipnose clássica, chegando à hipnoterapia ericksoniana e à ética no trabalho do psicólogo que escolhe esta abordagem.

*Palavras chaves.* Hipnose Ericksoniana, Hipnoterapia, Ética.

---

### **Abstract.**

In this article, we intend to discuss ethics in hypnotherapy, as a basic condition for the psychologist's work. We use the literature review as a method from the history of general ethics, through ethics in psychotherapy and classical hypnosis, reaching the Ericksonian Hypnotherapy and ethics in the work of psychologists who chooses this approach.

*Keywords.* Ericksonian Hypnotherapy, Hypnotherapy, Ethics.

---

## **1. Introdução.**

A hipnose é conhecida desde o começo da humanidade, mas durante muito tempo foi mal interpretada e cercada de misticismo<sup>1</sup>. Atualmente reconhecida como método e técnica que se tornam uma poderosa ferramenta do terapeuta para descoberta e utilização dos recursos internos do paciente e mobilizar as mudanças necessárias<sup>2</sup>. O domínio das técnicas e sua utilização de forma terapêutica, benéfica ao paciente, é o que irá delinear a ética do hipnoterapeuta.

Neste trabalho, pretendemos discutir a ética na hipnoterapia, como condição básica para a prática do hipnoterapeuta. Utilizamos a revisão de literatura como método, a partir da história da ética geral, passando pela ética na psicoterapia e a hipnose clássica, chegando à hipnoterapia ericksoniana e à ética no trabalho do hipnoterapeuta.

## **2. Discussão.**

Regulamentada como recurso auxiliar no trabalho do psicólogo no ano 2000<sup>2</sup>, a hipnoterapia passou a frequentar os círculos acadêmicos, ainda de forma incipiente e como uma forma alternativa de trabalho, com pouco reconhecimento científico neste meio acadêmico, devido principalmente à ausência de produção teórica consistente.

Deve-se pensar na hipnose como técnica, uma ferramenta do hipnoterapeuta para que o cliente possa acessar seu inconsciente e assim, identificar as causas de seus insucessos, conhecer as ori-

gens de seus sentimentos e insatisfações, como um grande auxiliar no seu processo terapêutico e de seu autoconhecimento.

Assim, *a hipnose não é um objeto isolado, mas está necessariamente envolvida com pressupostos e princípios que podem fazer a diferença em sua utilização.*<sup>3</sup>

Neubern<sup>3</sup> ainda nos alerta que a perspectiva de que o psicólogo poderia exercer uma autoridade direta sobre um paciente que estaria profundamente passivo diante de suas “ordens”, colocaria a ética psicológica em choque. Porém, a hipnose clínica estabelece que a o hipnoterapeuta bem formado e ético, “situa essa autoridade como um recurso favorável à criação de um contexto que permita ao sujeito utilizar os seus potenciais de cura e solução”.<sup>3</sup>

Etimologicamente, a palavra ética origina-se do termo grego *ethos*, que significa o conjunto de costumes, hábitos e valores de uma determinada sociedade ou cultura, ou modo de existir humano. Sua problemática diz respeito à determinação do que é certo ou errado, bom ou mau, permitido ou proibido, de acordo com um conjunto de normas ou valores adotados historicamente por uma sociedade.<sup>4</sup>

*Ethos* ainda pode significar morada, abrigo, casa. A morada, construída pelo ser humano, o enraíza na realidade, proporciona segurança e o faz se sentir bem no mundo. Ela é dada pela natureza, mas é construída, devendo ser continuamente trabalhada e melhorada. Isto inclui toda a nossa referência de casa e o meio em que vivemos.<sup>5</sup>

Passos<sup>6</sup>, em sua obra “Ética e Psicologia” (2007), nos apresenta uma reflexão sobre a evolução histórica do conceito de ética. Segundo a autora:

*Historicamente, a ética vem sendo relacionada a princípios abstratos sem referência ao mundo concreto e à vida real. Interessava-se apenas pelo comportamento humano e pelas relações que os seres humanos mantinham entre si. Nessa perspectiva, era tida, por quem olhava o mundo por parâmetros diferentes do metafísico, como impeditiva para o crescimento humano, para a produção da ciência e de novas formas de compreensão do mundo.*<sup>6</sup>

Com o avanço científico e tecnológico, a partir de exigências da realidade, com o aparecimento de novos problemas, o próprio conceito de ética teve que se adaptar e evoluir, refazendo suas bases teóricas a fim de compreender a nova situação e abarcar os novos problemas que surgiram.

Passos<sup>5</sup> continua seu pensamento nos trazendo que todo ser humano possui um horizonte ético, ainda que de forma deturpada e não condizente com os valores sociais ou ao bem estar individual e coletivo. Este horizonte se configura em normas de conduta provisórias, assim como as ações humanas.

Sendo assim, como o ser humano está em constante processo de mudança e evolução, não há como aceitarmos o conceito da ética imparcial e formalizada, estritamente ligada e vinculada à moral, hermética e imutável. Ética então deve ser compreendida como o *direito do ser humano viver de forma digna, humana, justa e feliz.*<sup>6</sup>

Este “novo” conceito traz em si uma proposta dialética, que nos aponta que devemos entender, escolher e praticar ou não as orientações apresentadas pela cultura vigente e sua moral. Essa postura é que define o sujeito moral, lembrando que este está vinculado a condicionamentos sociais, econômicos, políticos e ideológicos.

O sujeito ético é, então, aquele que age, consciente e livremente, por consequência responsável. Não se preocupa apenas com seus interesses, mas em agir de modo que inclua o bem estar coletivo.

*(...) O comportamento moral não pode decorrer apenas da obrigação ou do medo de infringir as normas estabelecidas e ser socialmente punido. Ao contrário, ele precisa ser um ato de vontade, de escolha e de consciência.*<sup>6</sup>

Dessa forma, ética passa a ser o conjunto de valores e princípios que usamos para responder às três grandes questões da vida:

1. Quero?
2. Devo?
3. Posso?

Porque nem tudo que quero, eu posso. Nem tudo que posso, eu devo. E nem tudo que devo eu quero... Você só está sendo ético quando o que você quer é, ao mesmo tempo, o que você pode e o que você deve...<sup>6</sup>

A partir do conceito de ética, pensamos que cada Ciência se traduz em uma área de estudo do ser humano, trazendo em si, uma ética adequada aos princípios que norteiam sua compreensão do que seja Ser Humano. Cada área então propõe um código de princípios éticos, de acordo com sua visão de ser humano e do seria o bem-estar do outro a ser atendido por aqueles profissionais.<sup>4,6</sup>

A Psicologia, por sua vez, está incluída na grande área da Bioética, ou seja, ética aplicada à vida, seguindo seus preceitos básicos: *autonomia, não maleficência, beneficência e justiça* e propõe um Código direcionado a este conceito maior, apesar de ainda criticado e obscuro em alguns pontos.

Dentro dessa compreensão, na Psicologia o comportamento ético se torna ainda mais complexo diante da grande quantidade de linhas teóricas, que em alguns casos, propõe uma visão de ser humano e métodos divergentes.<sup>6</sup>

Ao escolher uma linha teórica, o psicólogo norteia seu compromisso ético e social. Sob o nosso ponto de vista, ele será mais ético se escolher uma teoria, métodos e técnicas que contribuam para a autonomia do sujeito e sua independência, liberdade e emancipação. Ou seja, aquela que promova com que o sujeito crie as possibilidades de escolher o que é melhor para si mesmo, para sua vida e que vá lhe trazer felicidade e bem-estar.

Outra questão de fundamental importância é a constante atualização técnica que deve permear toda a ação do profissional. Não há como manter-se desatualizado diante das constantes transformações teóricas e sociais, das constantes novidades que surgem a todo o momento.

Porém, de nada adianta atualizar-se tecnicamente se a atitude profissional permanece a mesma. A coerência em relação à verdade sobre sua competência também deve ser firmemente perseguida. É fundamental se pensar que a falta de competência ou seu uso desacompanhado da ética pode causar prejuízos sérios, portanto o profissional precisa realizar suas ações de forma séria, consciente, dedicada e comprometida.

Com a escolha da abordagem da Terapia Ericksoniana, escolhemos seus fundamentos epistemológicos e suas referências éticas. Para tanto, como a hipnose é uma das suas ferramentas mais conhecidas, devemos buscar suas origens.

De acordo com a *British Medical Association*, hipnose é um *temporário estado de atenção do sujeito*, que pode ser natural ou induzido por um operador<sup>7</sup>. Esta possibilita entrar em contato direto com as emoções do sujeito, amplificando e potencializando suas habilidades psicológicas.

A utilização da hipnose como recurso auxiliar de trabalho do psicólogo foi regulamentada como pela resolução do CFP nº 013/2000<sup>2</sup>. Até então, era vista cercada de misticismo, superstição, como algo pré-científico, pelos psicólogos.

A hipnose é conhecida desde o começo da humanidade e há registros de sua utilização no antigo Egito. Durante muitos anos, porém, a hipnose foi mal interpretada por não se compreender na época a natureza e dinâmica dos seus fenômenos.<sup>2</sup>

Os estudos de Neubern<sup>8</sup> nos apresentam uma nova perspectiva da história da psicologia e de como a hipnose estava presente em vários movimentos científicos ao longo do tempo e que foram “omitidos” da história oficial da psicologia, que trazia até então, um movimento quase linear e la-

cunar. Essa omissão, segundo o autor, apresenta um caráter ideológico e reforça a crença de que a hipnose era vista como “prática de médiuns, magnetizadores e sonâmbulos”, o que não seria bem visto pela comunidade científica.

O reconhecimento da hipnose como método e técnica a fez retornar à cena terapêutica como poderoso recurso, e sua utilização passou a ser mais compreendida, trazendo o nome de Milton Erickson, antes um quase desconhecido dos psicólogos, às rodas de discussão científica.

Para a terapia ericksoniana, o ser humano é um ser compreendido enquanto fruto e agente de aprendizagem<sup>1</sup>. Para Milton Erickson, todo homem é bom e possui recursos e potenciais a serem desenvolvidos. Para ele, nos dizeres de Jeffrey Zeig, *in* Robles (2000), “*A psicoterapia funciona quando produz uma mudança em um padrão habitual de comportamento.*” Seja ela a menor possível.<sup>9</sup>

A psicoterapia ericksoniana propõe um encontro entre dois especialistas: o paciente (especialista nele mesmo) e o terapeuta (que deverá ser o especialista capaz de despertar no paciente os seus próprios recursos)<sup>9</sup>. E é neste encontro que se situa a ética.

O terapeuta ericksoniano deverá ser capaz de avaliar, a cada momento o que poderá ser bom para seu paciente, o que será terapêutico naquele momento, com a utilização dos seus recursos internos para que estes encontrem os do paciente e assim, possibilitem uma melhor evolução da terapia.<sup>1</sup>

Por ser uma terapia focada no paciente, feita “sob medida”, o terapeuta deve estar sempre atento em buscar melhorar a si mesmo, desenvolver a capacidade de observação e estar atento em buscar melhorar as suas intervenções com o objetivo de proporcionar uma melhor qualidade de vida do paciente.

Diante dessa perspectiva, não há impedimentos éticos, no sentido amplo da palavra, para a utilização de técnicas que possam favorecer o processo terapêutico. Os terapeutas deverão se pautar, assumindo uma postura ética, de acordo com o objetivo que querem alcançar, as crenças, os recursos, potencialidades, habilidades e escolhas do paciente, utilizando-os de forma adequada e criteriosa, de forma que as técnicas e intervenções utilizadas tenham finalidade terapêutica.

“É terapêutico para o paciente? É ético!”, já que devemos ser pesquisadores de soluções, trazendo possibilidades de descoberta do potencial do cliente e buscando transformar perdas em ganhos, visualizando aberturas construtivas para uma vida melhor.<sup>10</sup>

Como psicólogos, ainda temos que pensar no compromisso social que a profissão nos impõe, de promover a autonomia do sujeito e sua emancipação, levando-o ao seu empoderamento enquanto ser social que busca qualidade de vida.

### 3. Conclusão.

A ética, enquanto norma de ação consciente e livre deve permear todo o trabalho do hipnoterapeuta que deve ser capacitado para sua utilização e procurar se atualizar constantemente. Porém, de nada adianta atualizar-se tecnicamente se a atitude profissional permanece a mesma. A coerência em relação à verdade sobre sua competência também deve ser firmemente perseguida. Segundo Tiburi<sup>11</sup>, “a ação ética é a ação responsável. Responsável quer dizer ciente do efeito de emancipação que produz. A ação responsável é aquela que busca a todo custo escapar do ordenamento, do lugar de autoridade.” Ou seja, se queremos ser éticos, devemos ser responsáveis pela nossa ação, assumindo todas as consequências advindas desta e estando preparados, emocional e tecnicamente, para qualquer efeito inesperado que possa surgir a partir da ação.

Como psicólogos hipnoterapeutas, a responsabilidade ética se faz ainda maior, já que como recurso de acesso ao inconsciente, podemos acessar conteúdos que podem levar a um sofrimento

maior do sujeito ou mesmo fazer eclodir situações inesperadas. Diante de tal situação, o despreparo do profissional pode colocar em risco a saúde mental do paciente, sendo fundamental conhecer a técnica e seus fundamentos, escolher de acordo com a realidade do sujeito, sempre com tempo hábil para avaliar, ajustar e adaptar a técnica, se necessário, para que o sujeito esteja sempre protegido e se sinta fortalecido com o trabalho realizado.

Concluindo, é fundamental pensar que a falta de competência ou seu uso desacompanhado da ética pode causar prejuízos sérios. Portanto, a profissional sempre deve pensar e realizar suas ações de forma séria, consciente, dedicada e comprometida, ou seja, de forma ética.

## Referências

1. Apostilas do curso de Psicoterapia Ericksoniana do Instituto Milton H. Erickson de Belo Horizonte.
2. Cortez CM, Oliveira, CR. A prática da hipnose e a ética médica. Revista Bioética, 2003; 11: 65-82.
3. Neubern M. S. Histórias que (não) curam): sobre narrativas em Hipnose Clínica. Psicologia, Ciência e Profissão. Vol. 24, nº 3. Brasília, 2004.
4. Marcondes D. Textos Básicos de Ética – De Platão a Foucault. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
5. BOFF L. Ethos Mundial. Um Consenso Mínimo entre os Humanos. Rio de Janeiro: Record, 2009.
6. Passos E. Ética e Psicologia. São Paulo: Vetor, 2007.
7. Apostilas do curso de Psicoterapia Ericksoniana do Instituto Milton H. Erickson de Belo Horizonte.
8. Cortez CM, Oliveira CR. A prática da hipnose e a ética médica. Revista Bioética, 2003; 11: 65-82.
9. Neubern MS. Histórias que (não) curam): Sobre narrativas em Hipnose Clínica. Psicologia, Ciência e Profissão. Vol. 24, nº 3. Brasília, 2004.
10. Marcondes D. Textos Básicos de Ética – De Platão a Foucault. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
11. Boff L. Ethos Mundial. Um Consenso Mínimo entre os Humanos. Rio de Janeiro: Record, 2009.
12. Passos E. Ética e Psicologia. São Paulo: Vetor, 2007.
13. Ruiz H. Guia Prático de Hipnose: Das Técnicas Básicas à Regressão. São Paulo: Madras, 2012.
14. Neubern, M. S. Psicologia, Hipnose e Subjetividade: revisitando a história. Belo Horizonte: Diamante, 2009.
15. Robles T. Terapia feita sob Medida: Um Seminário Ericksoniano com Jeffrey Zeig. Belo Horizonte: Diamante, 2000.
16. Zeig J. Seminários Didáticos com Milton H. Erickson (M.D.). Campinas: Editorial Psy, 1995.
17. Tiburi M. Filosofia Prática: Ética, vida cotidiana, vida virtual. Rio de Janeiro: Record, 2014.